**QUAL A CIDADE QUE AS CRIANÇAS QUEREM?**

*Breno Ayres Chaves Rodrigues*[[1]](#footnote-1)

*Zamba, Zaki, Ayo e Bina*[[2]](#footnote-2)

*Patrícia Leme de Oliveira Borba*[[3]](#footnote-3)

**EIXO TEMÁTICO:** IV – Vidas múltiplas, corpos e culturas urbanas

**RESUMO**

Pretendeu-se aprofundar conhecimentos das culturas da infância *com* as infâncias a partir do acompanhamento de 4 crianças “calungas”[[4]](#footnote-4) em seus cotidianos[[5]](#footnote-5). Abordaremos a análise sobre a questão: Qual a cidade que vocês querem? Suas falas e formas de expressão se davam invariavelmente por meio da criação inventiva de brincadeiras, revelando a importância de ampliarmos nossa escuta referente aos modos singulares de expressão e exercício político que elas exerciam.

Palavras chave: criança, etnografia, áreas de pobreza

1. **INTRODUÇÃO**

Este artigo nasce da inserção profissional do pesquisador, no ano de 2016, numa Organização Não Governamental (ONG) no projeto de educação não formal voltado para crianças com faixa etária entre 9 a 12 anos, residentes do bairro Vila Margarida em São Vicente/SP.,

O bairro, localizado numa região periférica da cidade, sofre com processo de aglomeração urbana problemático, produzindo espaços que submetem a população a situações de risco ambiental e social.

Na ação desenvolvida na ONG, apesar do convívio diário com as crianças, percebia dificuldades da minha ação educativa por não conhecer os cotidianos destas em outros espaços “extra ONG”. Dificuldade sentida também pelos educadores, visto que as distâncias culturais entre nós, atrapalhava a potência da prática educativa e deste modo, senti a necessidade de estar “dentro” de suas vidas, o que faz surgir a pesquisa.

**1.1 Considerações teórico-metodológicas**

Contrapondo a lógica histórica que trata a infância enquanto momento de vida totalmente subordinado aos adultos e que necessita de muitos passos para alcançar a maturidade e poder participar da sociedade numa perspectiva cidadã (Castro, 2004), buscamos nos filiar com as produções científicas contemporâneas que fortalecem redefinições conceituais sobre a infância em que as crianças participam ativamente na construção dos conhecimentos sobre si. Desse modo, pensamos os estudos das culturas da infância *com* as infâncias. (Castro, 2004, 2013; Pastore, 2015; Sarmento, 1997, 2019).

Nessas redefinições contemporâneas, as infâncias são modos singulares de existência que interdependem de diversos fatores presentes num território para serem engendradas, numa relação de alteridade da construção de si com a produção simbólica dos espaços cotidianos de existência. (Sarmento, 1997, 2019). Ou seja, são simultaneamente “produtos inacabados” e produtoras das culturas em jogo num espaço.

Os referenciais teórico-metodológicos que aqui nos servimos, dialogam com a etnografia, antropologia urbana e sociologia da infância. Na etnografia, o pesquisador busca estabelecer relações e mapear espaços de circulação de modo a produzir uma descrição densa (Geertz, 1989), ou seja, busca se situar (Silva, 2009) e construir conhecimento na alteridade partilhada com o território (Caria, 2005). Para tanto, os instrumentais operativos utilizados foram: observação participante e registro em diários de campo.

1. **QUAL A CIDADE QUE AS CRIANÇAS QUEREM?**

Nas caminhadas e conversas com as crianças pelo bairro Vila Margarida, vou percebendo suas ações e expressões sobre o espaço onde moram, sendo que as partes de alguns trechos dessas conversas irão nos guiar para as reflexões que se seguem.

Em algumas dessas conversas, questionei-os: 'O que acham de morar aqui?' 'Qual a cidade que vocês achariam legal?'. Os grandes consensos em torno das respostas apontavam para a falta de espaços de lazer e cultura. Desse modo havia a necessidade de “usar a imaginação” pelo jogo e pelo brincar - característica humana exacerbada na infância e ponto comum das culturas da infância produzidas em diferentes contextos, até nos mais violentos e homogeneizantes (Sarmento, 2019) - criando outros modos de “uso dos espaços” (Certeau, 1998). Como demonstra o trecho a seguir, quando estava com os meninos em uma de suas invenções brincantes, nomeada de “missões”[[6]](#footnote-6)

Primeiro alcançamos uma árvore de goiaba. Havia apenas um fruto no pé e as crianças se esforçam para pegá-la. Fico preocupado pois eles estavam muito alto, subiam em um andaime de construção ao lado da rodovia imigrantes e ao lado da árvore para ganhar altura e pegar o fruto. Fico atento mais não intervenho. Eles faziam tudo aquilo quando não estava e demonstram muita habilidade. Nenhum adulto próximo intervém também. Curioso notar que os andaimes lembravam aqueles brinquedos de ferro de escalada encontrados em parques nos centros da cidade (trecho diário de campo).

Já com uma das meninas, Bina, em uma conversa, ela vai contando o que acha do bairro e o que gostaria que tivesse. Reclama também que não é um bairro acolhedor para as crianças e reforça o aspecto da falta acima mencionado. Um aspecto que a diferencia dos relatos das outras crianças é que Bina fala bastante sobre os espaços que gostava de ir para paquerar – lanchonetes, bomboniere – mostrando maior interesse sobre as relações amorosas. Também, em seu relato, traz uma maior consciência sobre serviços básicos que deveriam funcionar melhor no bairro, como o postinho de saúde:

Pergunto que lugares ela mais gosta de ir ali. Ela faz uma cara que diz que não há muitas opções para as crianças. Assim, os locais que ela mais gosta são a casa de parentes, lanchonetes – Sula é a preferida – é uma bomboniere. Nesses espaços ela consegue encontrar seus amigos. Conta que são locais de paquera. Peço para ela imaginar se ela fosse a prefeita de São Vicente, o que ela faria ali para que as crianças e adolescentes tivessem uma vida melhor. Ela fala da importância de espaços de lazer como parquinhos, fala também que o postinho – único equipamento de saúde do bairro – deveria melhorar, que deveria haver mais espaço públicos que as crianças pudessem brincar, jogar jogos e esportes, fala também da importância da dança pra ela e que nas escolas podia ser ensinada também essa linguagem artística como tantas outras. (trecho diário de campo)

Ayo, junto com duas amigas de idade próxima, também reivindicam mais espaços para brincar e trazem um problema recorrente em algumas ruas do bairro: as enchentes, explicitadas no trecho a seguir:

O que você mudaria no bairro para este se tornar melhor para as crianças? Nesse momento da conversa, outras duas crianças vizinhas que já conhecia por uma participação em uma ONG, participam do debate. As meninas começam a pensar na questão e dizer o que pensam. Com o trio ficou mais fácil a conversa. Ayo se sentia menos tímida. Algumas ideias que surgem são de ter mais parquinhos. Com quadras e brinquedos legais. Também gostariam de melhorar a rua para que não tivesse enchentes. Reformariam as casas e melhorariam as calçadas. O postinho também poderia melhorar e os bailes funk podiam ter brinquedos como pula-pula sempre (trecho diário de campo).

Zamba e Zaki também traziam incômodos sobre os alagamentos parecidos com os de Ayo. As ruas das casas das duas famílias alagavam muito. A diferença é que os meninos pareciam estar mais acostumados, criando saídas de maneira mais habitual diante do problema:

Com o bico da bola de futebol em mãos, vamos rumo a bicicletaria. Ela ficava quase ao lado da ponte do Mar Pequeno, próxima a praça que já fomos algumas vezes. O caminho que eles fazem exige grande habilidade, pois as ruas ali estavam totalmente alagadas, só salvava a calçada, que é bem “capenga” ali naquela parte do bairro. O caminho que conhecia até lá era outro, porém estava totalmente alagado. A pé íamos nos molhar. Eles, de maneira habitual, escolhem outra rota. E dizem que isso sempre acontecia quando chovia, precisavam criar outras rotas e brincavam com isso. (trecho diário de campo).

Depois, descubro que mesmo com as chuvas e alagamentos, os meninos tinham mais liberdade de sair de casa, desbravavam o bairro e isso permitia criar soluções para brincarem diante desse impasse. Quando chovia Ayo não saia de casa e não conseguia brincar na rua.

Uma outra cena importante que presenciei foi na festa de aniversário da uma das educadoras da ONG. A festa acontecia no espaço comum da vila em que seus pais moravam. Os “comes e bebes” circulavam para todos, havia muita música e brinquedos para as crianças – escorregador e pula-pula.

Quando saía para a rua para “tomar um ar”, notei a movimentação de algumas crianças de diferentes idades na frente da vila. Elas olhavam curiosas, queriam participar. A maior parte eram crianças ali do “México 70” – região do bairro mais pobre localizada mais perto do mar, ou “maré”, como as crianças chamavam; aonde não havia asfalto e grande parte das moradias eram de barracos e palafitas

A educadora percebeu e trouxe uma rodada de bolo e refrigerantes para todas, porém, não havia condições de chamarem para entrarem e brincarem, pois, a festa já estava bem cheia. As crianças acabam respondendo à restrição do acesso:

Todos da festa estavam muito bem assistidos, porém com a música, os brinquedos e as comidas circulando, começou a se formar um grupo de crianças com diferentes idades na frente do portão da vila que estavam brincando na Av. Brasil (em frente à maré). Como, de tempos em tempo, ia ali na frente do terreno, na rua, “tomar um ar”. Observava as redondezas e percebia esse movimento. As crianças queriam entrar, queriam brincar e comer. A responsável pela festa levou uma rodada de bolo para alguns, mas os mantimentos da festa não eram suficientes para além dos convidados. Logo essas crianças começam a “bagunçar” comunicando sua revolta por não poderem ter acesso a necessidades tão básicas como o comer e o lazer (trecho diário de campo).

Nessa cena, reforça-se as desigualdades sociais que aconteciam dentro de um mesmo bairro e em uma mesma região do bairro. Também revela, como na fala das crianças, a fragilidade de ações e a existência de poucos espaços públicos que acolhessem as crianças. Uma festa com escorregador e pula-pula se tornava um grande atrativo.

Mesmo com todos esses discursos da falta que as crianças apresentam e que é recorrente no modo de significar as periferias (Feltran, 2010; Silva, 2007), elas buscavam criar saídas para tornar aquele espaço mais próximo de seus desejos. As “missões” que realizavam é um grande exemplo disso. Outro exemplo era a existência de uma mesa de “pingue-pongue” que ficava na rua de Ayo nos finais de semana e que movimentava disputas e campeonatos entre as crianças e os adultos. Essa mesa foi construída pelos próprios moradores da rua, criando, coletivamente, uma alternativa de lazer. Eram comuns os jogos de bolinha de gude nas calçadas com tampinhas de garrafa pet; o futebol, esconde-esconde e pega-pega nas ruas; as paqueras nas lanchonetes. Desse modo, as relações entre público (ruas) e privado (casas) ganhavam diferentes relações[[7]](#footnote-7). A rua, muitas vezes era extensão da casa por necessidade. Principalmente para as crianças, pois eram seus “quintais” de lazer majoritários, seja pela falta de espaço nas casas, seja pelas muitas possibilidades brincantes que esta oferecia diante das suas potências imaginativas.

A relação entre o “espaço praticado” (Certeau, 1998 ) e a “cidade que se imagina” (Agier, 2011) possui relações intrínsecas que se alimentam mutuamente, de modo que, “usar” a cidade nunca se está descolado do que se imagina sobre ela, podendo assim, abrir margem para se criar diferentes maneiras de “usá-la”. Nessa invenção de “praticar a cidade”, as crianças podem resistir ao que é insatisfatório e começar a reivindicar, no fazer, outros modos de uso dos espaços, como acontece nas “missões” e em outros exemplos que foram mencionados acima:

O modo de vida urbana, no que se apresenta como desafio a ser enfrentado e compreendido, pode deslanchar a aventura necessária para o esforço de imaginação, reflexão e diálogo. Se somos todos aventureiros na cidade, a experiência urbana, além de apenas nos seduzir e nos divertir, pode ser fonte de recriação de um cotidiano não satisfatório. Para as crianças, a experiência urbana contém impasses e sofrimentos, e também revelações e êxtases. (CASTRO, 2013, p. 172).

Mesmo assim, é importante dizer que, nesses usos cotidianos do espaço, há diferentes relações de poder (geracional, gênero, raça, cultura popular e global). Ao mesmo tempo que as crianças transgredem, se sentem desamparadas em suas reclamações e denúncias. Isso acontece, pois, “*o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual*” (SANTOS, 2006, p.215).

Nessas relações de poder, há muitos ganhos conquistados “brincando” pelas crianças, elas criam suas transgressões e é preciso estar sensível e atento. Se olhamos para a cidade e suas sociabilidades em seu modo hegemônico - adultocêntrico e neoliberal - tudo parece desanimador. Um exemplo disso é quando sabemos que as crianças se deslocam pela cidade, andam pelas ruas, consumem produtos das mais variadas naturezas, povoam os espaços públicos interferindo na forma como esses lugares se caracterizam, e, ainda assim, são quase invisíveis. Não sendo reconhecido o fato delas também fazerem aqueles lugares serem o que são. (Castro, 2013).

O desânimo se esvai quando vivenciamos experiências em que acontecem um jogo de reciprocidade pouco visto nas relações “adulto x criança”, sendo respeitadas as diferenças geracionais sem sobrepor uma sobre a outra. Sustentar essas relações é um enorme desafio para ambos os lados, pois é fortalecer novos modos de subjetivação já em curso muito desconhecidos para nós. (Castro, 2013). Exige atenção, escuta sensível e coragem para o incerto. O que fica claro nesse trabalho, é que as crianças estão reivindicando novas sociabilidades – relação de si e com os outros - e novas relações com os espaços da cidade, mesmo que de modos sutis. Lutam pelo “direito à cidade” (Harvey, 2013) que caiba em seus corações e corpos infantis precarizados (Arroyo, 2012) pelas desigualdades sociais, como é o caso das crianças dessa pesquisa.

A dimensão política nas relações com o “fora”, com o outro, com a cidade e suas diferenças, é incentivada a se ampliar na vida dos pequenos corpos periféricos desde muito cedo, em experiências parecidas com as que se dão em alguns quilombos, comunidades indígenas, acampamentos de “Movimentos dos Sem Terra” (MST). São os “corpos-resistentes” (Arroyo, 2012), sujeitos da política:

O sujeito da política forma-se na palavra partilhada e na relação com outros não atribuídos a sua identidade. A política emana de uma parte do todo que é mais que a soma das partes (com suas próprias ideias feitas), não está ligada à composição às divisões do corpo social, distinguindo-se assim de qualquer política identitária. Por isso algo deve se passar fora e para além do habitual de modo que a política ocorra.” (AGIER, 2011, p. 178).

**Considerações finais**

Por meio da pesquisa tive a oportunidade de ouvir as crianças e ver a forma pela qual operam e desejam outros modos de viver suas próprias infâncias circunscrita em suas dadas realidades. Em nenhuma fala foi expressa o desejo de saída do lugar onde residem, de algum traço de ´rejeição ao bairro´, mas sim da crença na melhoria das suas dadas condições de existência, seja pela ampliação dos espaços brincantes, seja pela infraestrutura, ou ainda pela oferta de serviços relacionados as políticas sociais. Ainda há muito a ser feito com as crianças, mas o primeiro passo é estar disposto a ouvir com corpos que buscam reinvenção da “adultidade”, complexo alcançar essa simplicidade, porém um caminho para criar outros mecanismos de produção de alteridade.

1. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGIER, M. **Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos.** São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

ARROYO, M. Manifesto sobre os corpos precarizados. In: ARROYO, M.; SILVA, M. (org). **Corpo-Infância: exercícios tensos de ser criança; Por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARIA, T. *A* construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras In: **Experiência etnográfica em Ciências Sociais**. Porto, Afrontamento, 2005.

CASTRO, L. R. de (org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2004.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **O futuro da infância e outros escritos** / Lucia rabello de castro. - 1. ed. - rio de Janeiro : 7Letras, 2013.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FELTRAN, G. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2010, v. 53 nº 2

GEERTZ, C. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HARVEY, D. A Liberdade da Cidade. In: HARVEY, D; MARICATO, E; et al. **Cidades rebeldes**, São Paulo, Boitempo, 2013.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Acessado em < [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br/)>

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Dados do Censo 2010. Acessado em < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=31>>

MOURA, C. **A travessia da Calunga Grande. Três séculos de imagens sobre o Negro no Brasil. (1637-1899),** São Paulo, Edusp, 2000

PASTORE, M**. “Sim! Sou criança eu!” Dinâmicas de socialização e universos infantis em uma comunidade moçambicana.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Universidade Federal de São Carlos. 2015

SILVA, A situação etnográfica: Andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, n 32, ano 15, jul-dez, p.171-188, 2009

SILVA, J. Um espaço em busca do seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. In: SANTOS, M.; BECKER, B. **Território, Territórios: Ensaios sobre ordenamento territorial**. 3º Edição. Lamparina, 2007.

SANTOS, M. 1926-2001 **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”, Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em < <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf>> Acessado em 18,Mar,2019.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M; PINTO, J; **As crianças: contextos e identidades**. Braga. Universidade de Minho. 1997

VOGEL, A. **Quando a Rua vira Casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 4° ed. Niterói: Eduff, 2017.

1. Psicólogo, Mestre em Ensino de Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo. Professor horista Universidade Santa Cecília. Santos/SP. Contato: [breno.ayres@yahoo.com.br](mailto:breno.ayres@yahoo.com.br). [↑](#footnote-ref-1)
2. Nomes fictícios das crianças coautoras da pesquisa que originou esse artigo. [↑](#footnote-ref-2)
3. Terapeuta Ocupacional, Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Adjunta IV da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista. Santos/SP. Contato: [paborbato@gmail.com](mailto:paborbato@gmail.com). [↑](#footnote-ref-3)
4. Além de “vicentinos”, os moradores de São Vicente/SP são chamados de “calungas”, resgatando um modo ancestral africano de reconhecer àquelas terras. Para os primeiros africanos que chegaram ao litoral brasileiro pela escravidão, “calunga grande” era o mar que atravessavam, e, “calunga pequeno”, as terras que chegavam. (Moura, 2000) [↑](#footnote-ref-4)
5. Baseado na pesquisa de mestrado do autor principal realizada no bairro periférico da Vila Margarida, em São Vicente/SP, com 4 crianças entre 9 e 12 anos (2 meninos e 2 meninas) e aprovada pela Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, no Programa de Ensino em Ciências da Saúde em 2017. Seu título é “Etnografias de infâncias calungas: Um estudo sobre o cotidiano de crianças de um bairro periférico de São Vicente/SP.” Realizada no bairro Vila Margarida em São Vicente/SP. [↑](#footnote-ref-5)
6. Como eram chamadas por essas crianças certas aventuras brincantes pelas ruas do bairro com desafios e percursos decididos no momento com um grupo de infantes que se reunia espontaneamente. Nessas brincadeiras, desafiavam as lógicas adultocêntricas da organização dos espaços e desafiavam a falta de espaços de lazer e cultura que tanto denunciavam. [↑](#footnote-ref-6)
7. Parecido com os achados de uma experiência etnográfica realizada no bairro Catumbi, no Rio de Janeiro/RJ, no final dos anos de 1970. (Vogel, 2017) [↑](#footnote-ref-7)